

Educação ou adestramento ambiental?

Paula Brügger

Editora: Letras Contemporâneas, Florianópolis, 1994, 142pp.

Este livro resulta de uma obstinada busca do cerne da chamada questão ambiental, isto é, das razões pelas quais a relação da sociedade com a natureza se tornou irresponsável. Os dois primeiros capítulos historicam as preocupações do homem com a natureza e discutem o significado da questão ambiental. Mostram que a sociedade industrial não foi a primeira nem a única a provocar desastres ecológicos tais como extinção de espécies e alterações deletérias em ciclos naturais. A super exploração humana dos recursos da natureza, levando à sua exaustão, acontece há milhares de anos e tem levado à extinção de organismos e talvez à queda de grandes civilizações. A aculturação de alguns povos em consequência da intervenção de governos centralizadores ou da colonização por outros povos é também apontada como causa de desequilíbrio ecológico. Como a gestão de recursos naturais não é uma questão apenas técnica, não pode ser isolada do contexto social e político, “as mais dramáticas degradações da natureza têm sido também associadas frequentemente com sociedades cujas diferenças sociais são as mais contrastantes.”

Brügger faz analogias interessantes entre os conceitos de educação na Grécia antiga (paideia) e os conceitos modernos de educação ambiental, contraposta à educação tradicional e enquanto exercício de hegemonia. Assim como existem várias modalidades de educação ambiental, existiam várias paideias que correspondiam a disputas de diferentes grupos, como os sofistas, por exemplo, cada qual com determinados valores que julgavam necessários para se viver na “polis”. No Brasil, as instituições ambientalistas governamentais criadas a partir da década de 70 tinham como preocupação primeira a política global de atração de investimentos e não o valor intrínseco da questão ambiental (“a pior poluição é a da miséria”).

O conceito de educação-adestramento é introduzido como forma de adequação dos indivíduos ao sistema social vigente. Este tipo de educação é apontado como pernicioso quando conduz à perpetuação de uma estrutura social injusta. Citações de respeitáveis estudiosos em educação nos países ricos revelam que esta situação é geral, embora costume ter consequências mais drásticas entre os países pobres. A fragmentação do saber e o aumento na quantidade de informações são hoje necessárias, mas raramente conduzem o educando à capacidade de síntese e avaliação, à compreensão mais crítica e abrangente dos problemas. O adestramento é um processo que conduz à reprodução de conceitos ou habilidades técnicas, enquanto a educação privilegia o aspecto de integração do conhecimento para a formação de uma visão crítica e criativa da realidade.

O terceiro capítulo discute a relação entre sociedade e educação e introduz a noção de que uma sociedade é não ambiental quando ela é uma sociedade sem ética. Por outro lado, uma sociedade ambiental se caracteriza pelo bem estar da maioria da população. Uma nova visão de educação pressupõe portanto uma nova visão de sociedade. É indiscutível que os problemas ambientais, devido ao seu caráter interdisciplinar, não poderão ser resolvidos exclusivamente através da técnica, entretanto a maioria dos cursos e atividades de pesquisa para formação de "especialistas" em meio ambiente têm em seu cerne temas técnicos ou naturais e não sociais. A sociologia e a filosofia são defendidas como disciplinas tão importantes para a educação ambiental quanto a ecologia e a geografia. Os conceitos de ciência, técnica e tecnologia incluídos neste capítulo são bastante pedagógicos e fornecem o embasamento para as discussões que se seguem ao longo do livro. No capítulo seguinte, o conceito de meio ambiente, como sinônimo de natureza, é rediscutido para incluir as relações dos homens entre si e com a natureza. No quinto capítulo, a autora relata de forma sucinta e clara como a concepção monoteísta do universo se contrapôs ao animismo e introduziu a dicotomia homem-natureza e como o cartesianismo e a revolução industrial perpetuaram as modificações na relação dos homens entre si e com a natureza. Com o surgimento do capitalismo, as relações mercantis cresceram e as antigas comunidades com suas culturas tradicionais foram se esfacelando e sendo absorvidas pela cultura tecnológica. A antiga discussão sobre a pseudoneutralidade da ciência e, no caso, da questão ambiental, é recolocada. Embora os argumentos não sejam novos, são muito pertinentes. Uma reflexão crítica acerca do conceito de desenvolvimento sustentável, como nova

fórmula de “salvação do planeta”, associado a uma “nova ética ambiental”, compõe o sexto capítulo.

Finalmente, a pergunta que deu origem ao livro é colocada no sétimo capítulo. Brügger explica que adestramento (treinamento), em contraposição a formação (educação), é um tipo de instrução onde as pessoas são levadas a executar determinadas funções e tarefas, identificadas com um determinado padrão utilitarista-unidimensional de pensamento-ação. Ela discute o conceito de currículo oculto e defende a Educação sem o adjetivo ambiental, que deveria ser parte intrínseca da educação como um todo e não modalidade ou uma de suas dimensões. Anedotas tiradas de sua experiência como professora de “Conservação de Recursos Naturais” demonstram que a mentalidade dos alunos de graduação está impregnada de uma cultura cientificista que invalida outras formas de saber, que refuta mesmo conhecimentos científicos quando estes são difundidos em uma linguagem não técnica ou científica, ou quando não coincidem com a visão dominante de tecnologia. Para Brügger, uma educação verdadeiramente ambiental enfatiza os aspectos éticos e políticos da questão ambiental, e leva a novas posturas diante da natureza e das relações humanas.

As considerações finais trazem sugestões de alternativas ao “adestramento ambiental”, sendo uma delas o resgate da dimensão ética da questão ambiental. Conexões entre a problemática ambiental e a ciência, a tecnologia e a economia são delineadas no apêndice, que traz também diferentes conceitos de ciência e de ideologia. As reflexões contidas neste livro não são maniqueístas, tampouco dogmáticas. As posições tomadas pela autora não são de recusa ao progresso científico e ao desenvolvimento econômico, mas contra sua primazia quase absoluta, na ótica de quem se recusa a considerar uma racionalidade não instrumental como necessariamente irracional.

Nadir Ferrari

Departamento de Biologia Celular, Embriologia e Genética
Centro de Ciências Biológicas – UFSC